

OS SEGREDOS DE GRAY MOUNTAIN

JOHN GRISHAM

OS SEGREDOS
DE GRAY MOUNTAIN

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2015

Em memória de
Rick Hemba
1954-2013
Até à vista, Ace

CAPÍTULO 1

O horror estava na espera — o desconhecido, a insónia, as úlceras. Os colegas de trabalho ignoravam-se uns aos outros e escondiam-se atrás de portas fechadas à chave. Secretárias e auxiliares jurídicos faziam circular os boatos e recusavam o contacto visual. Toda a gente estava enervada, a pensar: «Quem será o próximo?» Os sócios, as chefias, pareciam estar em estado de choque e não queriam contactos com os subordinados. Era possível que em breve recebessem ordens para os trucidar.

O falatório era brutal. Dez associados do contencioso com o contrato rescindido; parcialmente verdadeiro, tinham sido apenas sete. Toda a divisão do Património encerrada, incluindo sócios; verdadeiro. Oito sócios do Antitrust a irem para outra firma; falso, por agora.

A atmosfera era tão tóxica que Samantha saía do edifício sempre que possível e trabalhava com o seu computador portátil nos cafés da baixa de Manhattan. Num dia apazível — o décimo depois da queda do Lehman Brothers —, sentou-se num banco do parque e olhou fixamente para o prédio alto ao fundo da rua. Chamava-se 110 Broad, e a metade superior tinha sido arrendada pela Scully & Pershing, a maior firma de advogados que o mundo alguma vez vira. A sua firma, por agora, embora o futuro se apresentasse incerto. Dois mil advogados em vinte países, metade deles só em Nova Iorque, mil advogados reunidos ali em cima, entre os pisos 30 e 65. Quantos teriam vontade de saltar? Não podia adivinhar, mas não era a única. A maior firma do mundo estava mergulhada no caos, tal como as suas rivais. As grandes firmas de advogados estavam tão em

pânico quanto os fundos de cobertura de risco, os bancos de investimento, os bancos propriamente ditos, os conglomerados seguradores, Washington, e pela cadeia alimentar abaixo até aos comerciantes da Main Street.

O décimo dia passou-se sem derramamento de sangue, tal como o seguinte. Ao décimo segundo dia, houve uns raios de otimismo, quando Ben, um dos colegas de Samantha, fez constar que os mercados do crédito em Londres estavam a aliviar um pouco. Afinal, os mutuários eram capazes de conseguir alguma liquidez. Mas o rumor perdeu a força ainda nessa tarde; não era verdade. Por isso, esperaram.

Eram dois os sócios que dirigiam a área do Imobiliário Comercial na Scully & Pershing. Um estava próximo da idade da reforma e já tinha sido posto na rua. O outro era Andy Grubman, um burocrata de quarenta anos que nunca tinha visto uma sala de audiências. Enquanto sócio, tinha um belo gabinete com vista para o Hudson, água em que ele não tinha reparado durante anos. Numa prateleira atrás da sua secretária e precisamente ao meio da «parede do ego», havia uma coleção de arranha-céus em miniatura. «Os meus edifícios», gostava ele de lhes chamar. Depois de concluído um dos seus edifícios, encomendava uma réplica em menor escala a um escultor e oferecia generosamente um troféu ainda mais pequeno a cada membro da «minha equipa». Nos seus três anos de S&P, a coleção de Samantha tinha seis edifícios e não iria aumentar mais.

— Senta-te — ordenou ele enquanto fechava a porta.

Samantha sentou-se numa cadeira ao lado de Ben, que estava ao lado de Isabelle. Os três associados pregaram os olhos no chão, à espera. Samantha sentiu o impulso de pegar na mão de Ben, como um prisioneiro aterrado diante de um pelotão de fuzilamento. Andy deixou-se cair na sua cadeira e, evitando o contacto visual, mas desesperado por acabar com aquilo, recapitulou a situação difícil em que se encontravam.

— Como sabem, o Lehman Brothers foi-se abaixo há catorze dias.

A sério, Andy? A crise financeira e o colapso do crédito tinham levado o mundo à beira da catástrofe e toda a gente sabia disso. Mas a verdade é que Andy raramente tinha um pensamento original...

— Temos cinco projetos em preparação, todos financiados pelo Lehman. Conversei demoradamente com os proprietários, e todos eles os vão suspender. Tínhamos outros três a longo prazo, dois com o Lehman, um com o Lloyd's, e o problema é que o crédito está todo parado. Os banqueiros estão nos seus abrigos subterrâneos, receosos de emprestar um centimo que seja.

Sim, Andy, isso também nós sabemos. Vem nas primeiras páginas dos jornais. Acaba lá com isso, antes que saltemos pela janela.

— A comissão executiva reuniu-se ontem e fez alguns cortes. Há trinta associados de primeiro ano que estão a ser dispensados; uns por rescisão imediata, outros por suspensão temporária. Todas as novas contratações foram adiadas indefinidamente. Os estágios desapareceram. Bem, não há uma forma fácil de dizer isto, mas toda a nossa divisão está em risco. Cortada. Eliminada. Sabe-se lá quando é que os proprietários vão começar a construir outra vez, se é que vão. A firma não está disposta a manter-vos na folha de salários enquanto o mundo espera pelo fim das restrições ao crédito. Que diabo, podemos estar a caminho de uma grande depressão! Provavelmente, esta é apenas a primeira ronda de cortes. Lamento, pessoal. Lamento imenso.

Ben foi o primeiro a falar.

— Então vamos ser alvo de rescisão imediata?

— Não. Eu bati-me por vocês, está bem? Primeiro, estavam a pensar em fazer a notificação do despedimento. Não preciso de vos lembrar que o IC é a divisão mais pequena da firma e provavelmente a mais duramente atingida neste momento. Convenci-os a fazer algo que estamos a designar por licença temporária. Vão-se embora agora, mas talvez voltem mais tarde.

— Talvez? — perguntou Samantha.

Izabelle limpou uma lágrima, mas manteve a compostura.

— Sim, um grande talvez. Neste momento, não está nada definido, Samantha, está bem? Andamos a apalpar terreno. Daqui a seis meses, podemos estar todos na sopa dos pobres. Vocês viram as fotos de 1929!

Vá lá, Andy, sopa dos pobres? Enquanto sócio, no ano passado levaste para casa dois milhões e oitocentos mil dólares, o valor médio na S&P, que, já agora, ocupou o quarto lugar em termos de lucro

por sócio. E o quarto lugar não era suficientemente bom, pelo menos até ao colapso do Lehman, à implosão do Bear Stearns e ao rebentar da bolha do crédito hipotecário. De repente, o quarto lugar até parecia bastante bom, pelo menos para alguns.

— O que é uma licença temporária? — perguntou Ben.

— A proposta é esta: a firma mantém-vos o contrato durante os próximos doze meses, mas não recebem salário.

— Que maravilha — resmungou Izabelle.

Ignorando-a, Andy prosseguiu:

— Mantêm o seguro de saúde, mas só se fizerem um estágio numa organização sem fins lucrativos. Os RH estão a fazer uma lista das organizações elegíveis. Vão-se embora, fazem a vossa parte de trabalho humanitário, salvam o mundo, sempre na esperança de que a economia recupere, e nesse caso daqui a cerca de um ano estarão de volta à firma sem qualquer perda de antiguidade. Não virão para o IC, mas a firma irá encontrar um lugar para vocês.

— Os nossos empregos estão garantidos quando a licença terminar? — perguntou Samantha.

— Não, nada está garantido. Sinceramente, ninguém é suficientemente inteligente para prever a situação em que estaremos no ano que vem. Estamos a meio de umas eleições, a Europa está em apuros, os chineses estão de cabeça perdida, os bancos estão a entrar em colapso, os mercados em queda livre, ninguém está a construir ou a comprar. O mundo está a chegar ao fim.

Ficaram os quatro imóveis por um momento no silêncio lúgubre do gabinete de Andy, esmagados pela realidade do fim do mundo. Até que Ben perguntou:

— Tu também, Andy?

— Não, vão transferir-me para a área fiscal. Dá para acreditar? Detesto direito fiscal, mas era isso ou conduzir um táxi. E como tenho um mestrado em tributação, acharam que podiam poupar-me.

— Parabéns — disse Ben.

— Lamento, pessoal.

— Não, estou a falar a sério. Fico feliz por ti.

— Daqui a um mês, posso já cá não estar. Quem sabe?

— Quando é que vamos embora? — perguntou Izabelle.

— Agora mesmo. O procedimento é assinarem um acordo de licença temporária, encaixotarem as vossas coisas, limparem as secretárias e porem-se a andar. Os RH hão de enviar-lhes um *e-mail*

com a lista das organizações sem fins lucrativos e restante papelada. Lamento, pessoal.

— Por favor, para de dizer isso! — disse Samantha. — Nada do que possas dizer vai melhorar as coisas.

— É verdade, mas podia ser pior. A maior parte das pessoas que estão no mesmo barco que vocês não tem a hipótese de uma licença temporária. Está a ser despedida de imediato.

— Desculpa, Andy — disse Samantha. — São muitas emoções ao mesmo tempo.

— Não faz mal, eu compreendo. Têm o direito de estar zangados e aborrecidos. Olhem bem para vocês: são os três licenciados em Direito pela Ivy League e estão a ser escoltados para fora do edifício como ladrões! Dispensados temporariamente como operários fabris. É horrível, simplesmente horrível! Alguns dos sócios ofereceram-se para cortar os seus salários para metade de maneira a evitar isto.

— Aposto que foi um pequeno grupo — disse Ben.

— Sim, foi. Muito pequeno, receio. Mas a decisão está tomada.

Uma mulher de fato preto e gravata preta estava na divisória onde Samantha partilhava um «espaço» com outras três pessoas, incluindo Isabelle. Ben estava ao fundo do corredor. A mulher tentou sorrir enquanto dizia:

— O meu nome é Carmen. Posso ajudá-la?

Segurava uma caixa de cartão vazia, sem inscrições em nenhum dos lados, para que ninguém soubesse que era o depósito oficial da Scully & Pershing para a tralha de escritório daqueles que estavam a ser dispensados, despedidos, ou o que quer que fosse.

— Não, obrigada — disse Samantha, e conseguiu fazê-lo delicadamente. Podia ter respondido de forma brusca e mal-educada, mas Carmen estava apenas a fazer o seu trabalho. Samantha começou a abrir gavetas e a tirar todos os objetos pessoais. Numa gaveta, tinha alguns dossiês da S&P e perguntou:

— Então e estes?

— Ficam aqui — disse Carmen, vigiando cada movimento, como se Samantha pudesse tentar subtrair algum bem valioso.

A verdade é que tudo o que tinha valor estava guardado nos computadores — um de secretária que ela usava no seu espaço e um

portátil que levava praticamente para todo o lado. Um portátil da Scully & Pershing. Também esse teria de lá ficar. Podia aceder a tudo a partir do seu portátil pessoal, mas sabia que as senhas já tinham sido alteradas.

Como que sonâmbula, limpou as gavetas e guardou com cuidado os seis arranha-céus em miniatura da sua coleção, embora ainda pensasse em atirá-los para a lata do lixo. Isabelle chegou e recebeu a sua caixa de cartão pessoal. Todos os outros — associados, secretárias, auxiliares jurídicos — tinham encontrado de repente alguma coisa para fazer noutra lugar. O protocolo tinha sido rapidamente adotado: quando alguém limpava a secretária, o melhor era deixá-lo fazer isso em paz. Sem testemunhas, sem expressões estarecidas, sem despedidas ocas.

Os olhos de Isabelle estavam inchados e vermelhos; era óbvio que tinha estado a chorar nos lavabos. Mas sussurrou:

— Liga-me. Vamos beber um copo hoje à noite.

— Claro — replicou Samantha.

Acabou de enfiar tudo na caixa, pegou na pasta e na volumosa mala de marca e, sem olhar por cima do ombro, seguiu Carmen pelo corredor fora até aos elevadores do 48.º piso. Enquanto esperavam, recusou-se a olhar à sua volta e a apreciar aquilo tudo uma última vez. A porta abriu-se e felizmente o elevador estava vazio.

— Eu levo isso — disse Carmen, apontando para a caixa, que já estava a rebentar pelas costuras.

— Não — retorquiu Samantha, ao mesmo tempo que entrava. Carmen carregou no botão para o átrio. Mas por que razão estaria a ser escoltada para fora do edifício? Quanto mais pensava nisso, mais furiosa ficava. Tinha vontade de chorar e de dar largas à sua raiva, mas o que na realidade queria era telefonar à mãe. O elevador parou no 43.º piso, para deixar entrar um homem novo e bem vestido. Segurava uma caixa de cartão idêntica e trazia um grande saco ao ombro e uma pasta de cabedal debaixo do braço. Tinha a mesma expressão aturdida de medo e confusão. Samantha tinha-o visto no elevador, mas nunca falara com ele. Mas que firma! Tão gigantesca que os associados tinham de usar uma placa com o nome na atroz Festa de Natal. Atrás dele vinha outro segurança de fato preto e, quando todos estavam no seu lugar, Carmen voltou a premir o botão para o átrio. Samantha cravou os olhos no chão, decidida a não

falar, mesmo que lhe dirigissem a palavra. O elevador voltou a parar no 39.º piso, e o senhor Kirk Knight entrou, a olhar para o seu telemóvel. Assim que a porta se fechou, olhou à sua volta, viu as duas caixas de cartão e pareceu sobressaltado, ao mesmo tempo que a sua coluna se retesava. Knight era sócio principal nas fusões e aquisições e membro da comissão executiva. Subitamente confrontado com duas das suas vítimas, engoliu em seco e olhou para a porta. Depois, carregou de repente no botão para o 28.º piso.

Samantha estava demasiado entorpecida para o insultar. O outro associado tinha os olhos fechados. Quando o elevador parou, Knight apressou-se a sair. Depois de a porta se fechar, Samantha lembrou-se de que a firma arrendava os pisos 30 a 65. Porque é que Knight teria saído tão de repente no 28? O que é que isso importava?

Carmen acompanhou-a ao longo do átrio até à porta que dava para Broad Street. Ainda disse «Lamento» em tom submisso, mas Samantha não respondeu. Carregada como uma mula, foi acompanhando o movimento dos transeuntes, sem se dirigir a nenhum sítio em particular. Depois, lembrou-se das fotos nos jornais que mostravam os empregados do Lehman e do Bear Stearns a abandonar os escritórios com caixas cheias com os seus pertences, como se os prédios estivessem em chamas e viessem a fugir para salvar a vida. Numa grande foto a cores publicada na primeira página da secção de negócios do *Times*, tinham apanhado uma corretora do Lehman com lágrimas nas faces, espedada no passeio com ar desamparado.

Mas aquelas fotos eram agora notícias que tinham passado à história e Samantha não viu quaisquer câmaras. Na esquina da Broad com a Wall, pousou a caixa no chão e esperou por um táxi.

CAPÍTULO 2

Numas águas-furtadas chiques no SoHo, que lhe custavam dois mil dólares por mês, Samantha atirou a tralha do escritório para o chão e deixou-se cair no sofá. Pegou no telemóvel, mas esperou. Respirou fundo, de olhos fechados, controlando um pouco as emoções. Precisava de ouvir a voz da mãe e do seu incitamento, mas não queria parecer fragilizada, magoada e vulnerável.

O alívio veio quando compreendeu de repente que tinha acabado de se livrar de um trabalho que desprezava. Naquela noite, às sete horas, podia estar a ver um filme ou a jantar com amigos, em vez de trabalhar como uma escrava no escritório, sempre a somar horas. No domingo seguinte, podia sair da cidade sem se preocupar com Andy Grubman e com o monte de papelada para o seu próximo negócio crucial. O FirmFone, um aparelhinho monstruoso que trazia colado ao corpo há três anos tinha sido entregue. Sentia-se livre e maravilhosamente aliviada.

O medo vinha da perda de rendimento e do súbito desvio da sua carreira. Enquanto associada de terceiro ano, ganhava cento e oitenta mil dólares por ano de salário de base, mais um belo bónus. Uma data de dinheiro, mas a vida na cidade tinha forma de o fazer desaparecer. Metade evaporava-se em impostos. Ela tinha uma conta poupança cuja existência não a deixava particularmente motivada. Quando se tem vinte e nove anos, solteira, livre na cidade, e se está numa profissão em que o pacote salarial do ano seguinte será superior ao salário mais bónus do ano corrente, para quê preocupar-se em poupar dinheiro? Tinha um amigo da Faculdade de Direito de Columbia que estivera na S&P durante cinco anos, chegara a sócio minoritário e ia ganhar este ano cerca de meio milhão. Samantha tinha estado a trilhar esse caminho.

Também tinha amigos que tinham largado aquela rotina ao fim de doze meses e escapado alegremente ao horrível mundo das grandes firmas de advogados. Um era agora instrutor de esqui em Vermont, antigo editor da *Columbia Law Review*, refugiado das entranhas da S&P, que vivia numa cabana junto a um riacho e raramente atendia o telemóvel. Em apenas treze meses, tinha passado de jovem associado ambicioso a idiota ligeiramente transtornado que dormia à secretária. Ainda antes da intervenção dos RH, foi-se abaixo e abandonou a cidade. Samantha pensava muitas vezes nele, normalmente com uma pontinha de inveja.

Alívio, medo, humilhação. Os pais tinham pago um colégio caro em D.C. Ela licenciou-se com muito bom em ciência política, em Georgetown. Fez a faculdade de Direito com uma perna às costas e terminou com distinção. Depois de um estágio no tribunal federal, houve uma dúzia de megafirmas a oferecer-lhe emprego. Os primeiros vinte e nove anos da sua vida tinham sido propensos a um sucesso avassalador e a poucos fracassos. Ser despedida daquela maneira era terrível. Ser escoltada para fora do edifício era degradante. Aquilo não era apenas um pequeno sobressalto numa longa e gratificante carreira.

Encontrava algum consolo nos números. Desde que o Lehman entrara em colapso, milhares de jovens profissionais tinham sido atirados para as ruas. A miséria adora companhia e tudo isso, mas de momento não conseguia sentir muita simpatia fosse por quem fosse.

— Karen Kofer, por favor — disse ela para o telefone. Estava deitada no sofá, completamente imóvel, a cronometrar a respiração. — Mãe, sou eu. Fui despedida — anunciou, mordendo o lábio e reprimindo as lágrimas.

— Sinto muito, Samantha. Quando é que isso aconteceu?

— Há cerca de uma hora. Não foi propriamente uma surpresa, mas não deixa de ser difícil de acreditar.

— Eu sei, querida. Lamento imenso.

Na última semana, não tinham falado noutra coisa senão numa provável rescisão.

— Estás em casa? — perguntou Karen.

— Estou, e estou bem. A Blythe está a trabalhar. Ainda não lhe contei. Não contei a ninguém.

— Lamento imenso.

Blythe era uma amiga e colega de turma dos tempos de Columbia, que trabalhava noutra megafirma. Dividiam um apartamento, mas pouca coisa das suas vidas. Quando se trabalha setenta e cinco a cem horas por semana, há pouca coisa para partilhar. As coisas também não corriam bem na firma de Blythe e ela estava à espera do pior.

— Eu estou bem, mãe.

— Não, não estás. Porque é que não vens a casa passar uns dias?

A casa era algo que estava sempre a mudar. A mãe tinha arrendado um belo apartamento perto de Dupont Circle, e o pai um pequeno apartamento num condomínio junto ao rio, em Alexandria. Samantha nunca tinha passado mais de um mês em cada um deles e não estava a pensar fazê-lo agora.

— Hei de ir — replicou —, mas não agora.

Uma longa pausa e depois uma pergunta suave:

— Quais são os teus planos, Samantha?

— Não tenho planos, mãe. Neste momento, estou em choque e não consigo pensar para além da próxima hora.

— Compreendo. Quem me dera estar aí.

— Eu estou bem, mãe, juro!

A última coisa que Samantha precisava naquele momento era da presença da mãe a pairar por ali e dos seus infundáveis conselhos sobre o que fazer a seguir.

— É uma rescisão ou algum tipo de suspensão temporária?

— A firma chama-lhe licença temporária, um acordo através do qual fazemos um estágio numa organização sem fins lucrativos durante um ano ou dois e mantemos o seguro de saúde. Depois, se a situação se inverter, a firma readmite-nos sem perda de antiguidade.

— Parece um esforço patético para te terem na palma da mão.

Obrigada, mãe, pela franqueza que te caracteriza. Karen prosseguiu:

— Porque é que não mandas esses pulhas dar uma volta?

— Porque gostava de manter o seguro de saúde e de saber que pode haver a opção de voltar um dia.

— Podes encontrar emprego noutra lado.

Falava como burocrata de carreira. Karen Kofler era advogada no Departamento de Justiça em Washington, o único emprego que

alguma vez tivera em quase trinta anos. O seu posto, tal como o de todas as pessoas que a rodeavam, estava completamente protegido. Independentemente de depressões, guerras, impasses governamentais, catástrofes nacionais, convulsões políticas ou qualquer outra calamidade possível, o cheque de pagamento de Karen Kofer era inviolável. E com isso vinha a arrogância descontraída de tantos burocratas entrincheirados.

Somos muito valiosos porque somos muito necessários.

— Não, mãe — disse Samantha —, neste momento não há empregos. Caso não saiba, estamos numa crise financeira, com uma depressão mesmo aí à espreita. As firmas de advogados estão a livrar-se dos associados em massa e depois trancam as portas.

— Duvido que as coisas estejam assim tão más.

— Não me diga! A Scully & Pershing adiou todas as novas contratações, o que significa que cerca de uma dúzia dos licenciados mais brilhantes da Faculdade de Direito de Harvard acabaram de ser informados de que os empregos que lhes tinham prometido para setembro já não existem. O mesmo para Yale, Stanford e Columbia.

— Mas tu tens tanto talento, Samantha.

Nunca discutam com um burocrata. Samantha respirou fundo e preparava-se para terminar a conversa quando surgiu um telefonema urgente «da Casa Branca» e Karen teve de se ir embora. Prometeu telefonar a seguir, assim que salvasse a República. Está bem, mãe, disse Samantha. A mãe dispensava-lhe toda a atenção que ela podia querer. Era filha única, o que, vendo bem, era uma coisa boa, dado o nível de destruição generalizada provocado pelo divórcio dos pais.

Estava previsto um dia bonito, de céu limpo, e Samantha precisava de dar um passeio. Deambulou pelo SoHo, e depois por West Village. Num café vazio, telefonou finalmente ao pai. Marshall Kofer tinha sido em tempos um dinâmico advogado, cuja especialidade era processar companhias de aviação após acidentes aéreos. Fundou uma firma agressiva e bem-sucedida em D.C. e passava seis noites por semana em hotéis pelo mundo inteiro, tanto atrás de novos casos como nos tribunais. Ganhava uma fortuna, gastava à grande e, em adolescente, Samantha tinha perfeita consciência de que a sua família tinha mais do que muitos dos outros miúdos que frequentavam o seu colégio em D.C. Enquanto o pai saltava de um caso importante para outro, a mãe criava-a calmamente ao mesmo tempo que

prosseguiu persistentemente a sua própria carreira na Justiça. Se os pais discutiam, Samantha não tinha consciência disso; muito simplesmente, o pai nunca estava em casa. A dada altura, ninguém viria a saber exatamente quando, uma auxiliar jurídica jovem e bonita entrou em cena e Marshall mergulhou de cabeça. A aventura transformou-se num caso, depois num romance, e passados dois anos Karen Kofer começou a desconfiar. Confrontou o marido, que começou por mentir, mas não tardou a admitir a verdade. Ele queria o divórcio, pois tinha encontrado o amor da sua vida.

Por coincidência, mais ou menos na mesma altura em que Marshall complicou a sua vida familiar, também tomou outras más decisões. Uma delas envolveu um esquema para levar honorários chorudos para o estrangeiro. Um *Jumbo* da United Asia Airlines tinha-se despenhado no Sri Lanka, com quarenta americanos a bordo. Não houve sobreviventes e, fiel à sua prática, Marshall Kofer foi o primeiro a lá chegar. Durante as negociações para um acordo amigável, criou uma série de companhias de fachada nas Caraíbas e na Ásia para encaminhar, reencaminhar e ocultar completamente os seus substanciais honorários.

Samantha tinha uma pasta volumosa com notícias de jornais e relatórios de investigação da desajeitada tentativa do pai na senda da corrupção. Daria um livro empolgante, mas ela não estava interessada em escrevê-lo. Ele foi apanhado, humilhado, envergonhado nas primeiras páginas, condenado, expulso da Ordem e mandado para a prisão durante três anos. Saiu em liberdade condicional duas semanas antes de ela se ter licenciado em Georgetown. Presentemente, Marshall trabalhava como consultor de alguma coisa num pequeno escritório na parte velha de Alexandria. Segundo ele, aconselhava outros advogados em processos de danos coletivos, mas era sempre vago em relação aos pormenores. Tal como a mãe, Samantha estava convencida de que Marshall tinha conseguido esconder uma pipa de massa algues nas Caraíbas. Karen já tinha deixado de procurar.

Embora Marshall nunca deixasse de ter essa suspeita e Karen a negasse sempre, ele tinha um palpite de que houvera dedo da ex-mulher no seu processo-crime. Ela tinha um lugar influente na Justiça e muitos amigos.

— Pai, fui despedida — disse ela baixinho para o telemóvel. O café estava vazio, mas o empregado estava por perto.

— Oh, Sam, lamento imenso — disse Marshall. — Conta-me o que aconteceu.

Tanto quanto lhe era dado ver, o pai só tinha aprendido uma coisa na prisão. Não tinha sido a humildade, nem a paciência, nem a compreensão, nem o perdão, nem nenhum dos vulgares atributos que se adquirem depois de uma queda humilhante. Ele continuava tão motivado e ambicioso quanto antes, desejoso de ir todos os dias ao combate e passar por cima de quem lhe aparecesse à frente. Mas, por alguma razão, Marshall Kofer tinha aprendido a ouvir, pelo menos a filha. Ela repetiu lentamente a narrativa, e ele ficou suspenso de cada palavra. Samantha assegurou-lhe que ia ficar bem. A certa altura, parecia que ele ia chorar.

Normalmente, teria feito comentários sarcásticos acerca da forma como ela escolhera exercer advocacia. Ele detestava as grandes firmas porque as tinha combatido durante anos. Considerava-as meras empresas, e não sociedades com advogados a sério que lutavam pelos seus clientes. Recorrendo à demagogia, conseguia pregar uma dúzia de sermões sobre os males das grandes firmas de advogados. Samantha já os tinha escutado a todos e não estava com disposição de repetir a dose.

— Queres que vá visitar-te, Sam? — perguntou ele. — Ponho-me aí em três horas.

— Não, obrigada. Ainda não. Dê-me um dia ou coisa assim. Preciso de fazer uma pausa e estou a pensar em sair da cidade durante uns dias.

— Eu vou buscar-te.

— Talvez, mas não agora. Estou bem, pai, juro!

— Não, não estás. Precisas do teu pai.

Ainda era estranho ouvir isto de um homem que tinha estado ausente durante os primeiros vinte anos da sua vida. Mas, pelo menos, estava a tentar.

— Obrigada, pai. Eu ligo mais tarde.

— Vamos fazer uma viagem, encontrar uma praia algures e beber rum.

Ela teve de se rir, porque nunca tinham viajado juntos, só os dois. Tinha havido algumas férias apressadas quando ela era miúda, viagens típicas às cidades da Europa, quase sempre abreviadas pelos

assuntos urgentes a tratar no país de origem. A ideia de passar o tempo numa praia com o pai não a atraía muito, independentemente das circunstâncias.

— Obrigada, pai. Talvez mais tarde, mas agora não. Tenho coisas para tratar aqui.

— Posso arranjar-te emprego — disse ele. — Um emprego a sério.

Cá vamos nós, pensou ela, mas deixou passar. Há vários anos que o pai a tentava aliciar para um trabalho como advogada a sério, a sério no sentido em que isso envolveria processar grandes empresas por todo o tipo de ilegalidades. No mundo de Marshall Kofler, todas as companhias com uma certa dimensão deviam ter cometido pecados flagrantes para terem sucesso no mundo impiedoso do capitalismo ocidental. Era dever de advogados (e talvez de ex-advogados) como ele pôr a descoberto os crimes e intentar ações judiciais como loucos.

— Obrigada, pai. Eu ligo mais tarde.

Que irónico o pai continuar tão desejoso de a ver seguir o mesmo ramo de direito que pregara com ele na prisão. Ela não sentia interesse na sala de audiências nem no conflito. Não tinha a certeza do que queria, provavelmente um belo trabalho de secretária com um bom salário. Sobretudo devido ao seu sexo e inteligência, tivera em tempos uma hipótese decente de chegar a sócia da Scully & Pershing. Mas a que preço?

Talvez quisesse essa carreira, ou talvez não. Neste momento, apenas queria deambular pelas ruas da baixa de Manhattan e desanuviar a cabeça. Passeou por Tribeca à medida que as horas passavam. A mãe ligou-lhe duas vezes e o pai uma, mas ela não atendeu. Isabelle e Ben também entraram em contacto, mas ela não queria falar. Quando deu por si, estava no Moke's Pub, perto de Chinatown, e deixou-se ficar ali por um momento a olhar lá para dentro. A sua primeira bebida com Henry tinha sido no Moke's há muitos anos. Tinham sido apresentados por amigos. Ele era aspirante a ator, um entre o milhão que havia na cidade, e ela iniciara-se como associada na S&P. Namoraram durante um ano até o romance ceder à tensão do seu horário de trabalho brutal e ao desemprego dele. Henry fugiu para L.A., onde, da última vez que o vira, conduzia limusinas para atores desconhecidos e fazia pequenas figurações em anúncios.

Noutras circunstâncias, podia ter amado Henry. Ele tinha o tempo, o interesse e a paixão. Ela estava demasiado exausta. Nas grandes firmas de advogados, era comum as mulheres acordarem aos quarenta anos e perceberem que continuavam solteiras e já se tinha passado uma década.

Afastou-se do Moke's e dirigiu-se para norte, para o SoHo.

Anna, dos recursos humanos, revelou-se extraordinariamente eficiente. Às cinco da tarde, Samantha recebeu um longo *e-mail* que incluía os nomes de dez organizações sem fins lucrativos que alguém considerara adequadas para estágios não remunerados a ser realizados pelas almas violentadas e feridas subitamente dispensadas pela maior firma de advogados do mundo. A Conservação dos Pântanos em Lafayette, Louisiana. O Abrigo para Mulheres em Pittsburgh. A Iniciativa Imigrante em Tampa. A Clínica de Assistência Jurídica em Brady, Virgínia. A Sociedade de Eutanásia do Grande Tucson. Uma organização para os sem-abrigo em Louisville. O Fundo de Defesa do Lago Erie. E assim por diante. Nenhuma das dez ficava perto da área metropolitana de Nova Iorque.

Ela fitou a lista durante muito tempo e pôs a hipótese de deixar a cidade. Vivera ali durante seis dos últimos sete anos — três em Columbia e três como associada. Depois da faculdade de Direito, tinha trabalhado para um juiz federal em D.C., e depois regressara apressadamente a Nova Iorque. Entre esta e Washington, nunca vivera longe das grandes cidades.

Lafayette no Louisiana? Brady na Virgínia?

Numa linguagem demasiado efusiva para a ocasião, Anna avisava todos os dispensados de que os lugares podiam ser limitados em algumas das organizações listadas. Por outras palavras, candidatem-se depressa ou podem não ter hipótese de se mudar para trás do sol-posto e de trabalhar de graça durante os próximos doze meses. Mas Samantha estava demasiado atordoada para fazer alguma coisa à pressa.

Blythe entrou de repente para um olá rápido e para fazer massa no micro-ondas. Samantha tinha-lhe dado a grande notícia por mensagem e a colega de quarto estava à beira das lágrimas quando chegou. Mas passados uns minutos, Samantha conseguiu acalmá-la e assegurar-lhe que a vida continuava. A firma de Blythe representava

um grupo de credores hipotecários, e o estado de espírito era tão lúgubre quanto na Scully & Pershing. Há dias que ambas não falavam noutra coisa a não ser na possibilidade de lhes rescindirem o contrato. A meio da massa, o telemóvel de Blythe começou a vibrar. Era o sócio supervisor, à procura dela. Por isso, às 6h30 saiu a correr do apartamento, desesperada por voltar ao escritório e receosa de que o mais ligeiro atraso pudesse provocar o seu despedimento.

Samantha deitou vinho num copo e encheu a banheira com água quente. Enfiou-se lá dentro a beber e decidiu que, apesar do dinheiro, detestava as grandes firmas de advogados e que nunca mais voltaria para lá. Nunca mais deixaria que gritassem com ela por não estar no escritório depois de anoitecer ou antes de o sol nascer. Nunca mais se deixaria seduzir pelo dinheiro. Nunca mais faria uma série de coisas.

Do ponto de vista financeiro, as coisas estavam instáveis, mas não totalmente desanimadoras. Tinha 31 000 dólares em poupanças e não tinha dívidas, a não ser mais três meses do arrendamento das águas-furtadas. Se reduzisse consideravelmente os gastos e conseguisse algum rendimento através de trabalhos a tempo parcial, era possível que conseguisse manter-se até a tempestade passar. Presumindo, é claro, que o fim do mundo não se materializava. Não se via a servir às mesas ou a vender sapatos, mas também nunca tinha sonhado que a sua prestigiada carreira terminasse de forma tão abrupta. A cidade não tardaria a encher-se ainda mais de empregadas de mesa e vendedoras com licenciaturas.

Voltando às grandes firmas de advogados... O seu objetivo tinha sido chegar a sócia aos trinta e cinco anos, ser uma das poucas mulheres no topo da hierarquia, e garantir um gabinete com vista privilegiada, onde podia fazer jogo duro com os rapazes. Teria uma secretária, um assistente, alguns auxiliares jurídicos, e um motorista às ordens, ajudas de custo milionárias e um guarda-roupa de estilista. As cem horas de trabalho semanal reduzir-se-iam a algo mais viável. Arrecadaria mais de dois milhões anuais durante vinte anos, a seguir reformava-se e ia correr mundo. Pelo caminho, arranjaría marido, um ou dois filhos, e a vida seria maravilhosa.

Estava tudo planeado e parecia estar ao seu alcance.

Encontrou-se com Isabelle para tomar uns martínis no átrio do Mercer Hotel, a quatro quarteirões das suas águas-furtadas. Tinham convidado Ben, mas ele tinha uma nova mulher e estava distraído com outras coisas. As licenças temporárias estavam a ter efeitos opostos. Samantha estava a lidar com o problema, e até a afastá-lo da ideia e a pensar em formas de sobreviver. Mas tinha sorte, pois não contraíra dívidas para poder estudar. Os pais tinham dinheiro para lhe proporcionar uma boa educação. Mas Isabelle estava asfixiada em empréstimos antigos e atormentada em relação ao futuro. Sorveu rapidamente o seu martíni e o gim foi direitinho ao cérebro.

— Não posso estar um ano sem rendimento — disse ela. — Tu podes?

— Possivelmente — disse Samantha. — Se cortar em tudo e viver à base de sopa, consigo remediar-me e ficar na cidade.

— Eu não — disse Isabelle com tristeza enquanto bebia outro gole. — Conheço um fulano no contencioso que foi para a licença temporária na passada sexta-feira. Já telefonou para cinco organizações sem fins lucrativos e todas elas disseram que as vagas de estágio já tinham sido preenchidas por outros associados. Acreditas numa coisa destas? Por isso, telefonou para os RH e armou um pé de vento e eles disseram que ainda estão a trabalhar na lista, pois continuam a receber pedidos de organizações sem fins lucrativos à procura de mão de obra extremamente barata. Portanto, não só somos despedidos, como o tal esquema da licença temporária não está a funcionar muito bem. Ninguém nos quer, mesmo que trabalhemos de graça. É sinistro.

Samantha deu um pequeno gole e saboreou o líquido anestésico.

— Não estou predisposta a aceitar o acordo da licença temporária.

— Então e o que vais fazer em relação ao seguro de saúde? Não podes ficar desamparada.

— Talvez possa.

— Mas se ficares doente, vais perder tudo.

— Não tenho grande coisa.

— Isso é uma tolice, Sam. — Outro gole de martíni, embora mais pequeno. — Então vais desistir de um futuro brilhante na velha Scully & Pershing.

— A firma desistiu de mim, de ti e de muitos mais. Tem de haver um sítio melhor para trabalhar e uma maneira melhor de ganhar a vida.

— Bebo a isso.

Apareceu uma empregada e elas pediram outra rodada.